



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

ANO 70 - NÚMERO 617 - Agosto de 2007



TRAVESSIA LAPINHA TABULEIRO



FESTA JUNINA



HOMENAGEM A BEHNKEN

12 7 2007

EXPEDIENTE 2007

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Rafael Villaça

Diretora Social

Paula Garcia (*in memoriam*)

Liane Leobons

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretora de Divulgação

Miriam Gerber

Natascha Krepsky

Patricia Rocha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

CONSELHO DELIBERATIVO**Presidente**

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL**MEMBROS EFETIVOS**

Iara Aniboleti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ
Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.

MUTIRÃO PARA TRANSPORTE DE MUDAS

No dia 15/07/2007, vinte e seis voluntários de vários clubes uniram forças para transportar 400 mudas de espécies de Mata Atlântica para quatro áreas que estão sendo reflorestadas nas encostas do Pão de Açúcar: na face sul, o Paredão Lagartinho, adotado pelo CERJ; na face leste, o trecho inicial do Costão (até o mirante), adotado por mim;

o trecho na base da via Iemanjá, entre a matinha e o mar, adotado pelo Mário Senna;

e o trecho que se inicia no contraforte do mirante do Costão, na base da via Sargento Tainha, também adotado por mim.

Essas mudas, doadas pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, serão plantadas ao longo de três meses e se destinam a repor as que morreram e ao plantio nas novas áreas liberadas do capim colômbio, espécie invasora que se instalou naquela região e foi impulsionada, no passado, pelos sucessivos incêndios.

Não é fácil transportar essa quantidade de mudas morro acima, mas nossos montanhistas são valentes e o trabalho foi feito com determinação, pois a causa é nobre.

Esse evento tem um significado especial, pois demonstra o compromisso dos montanhistas com o meio ambiente e a vontade de interferir positivamente no processo de degradação ambiental que se instalou naquela região e está sendo revertido nessas áreas, desde 2003, quando fiz a primeira adoção. Hoje, o verde monocromático do capim foi substituído pelos vários tons de verde de uma florestinha em formação, com benefícios adicionais para a fauna.

Agradeço a todos os voluntários, ao Marcelo Hudson e Francisco Ayres, da Coordenadoria de Conservação e Recuperação Ambiental (SMA); ao Ten. Cel. Carlos Henrique, da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), que gentilmente cedeu local para a guarda das mudas; e ao Paulo Gentil, gestor da UC dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca, pelo apoio.

Domingos Sávio Teixeira
Diretor de Ecologia



Oficina de Atualização das Diretrizes de Mínimo de Mínimo Impacto para Urca

Montanhistas,

Como é do conhecimento de todos, foi realizado em fevereiro de 2002 o Seminário de Mínimo Impacto em Paredes para o Complexo da Urca (www.femerj.org/SeminariodeMURca.html).

Agora, cinco anos depois, é chegado o momento de nos reunirmos novamente para a atualização das diretrizes ali acordadas.

Nesta nova Oficina de Trabalho serão reavaliadas questões já abordadas no seminário anterior; visto que nesse período houve natural alteração da realidade da região.

Assim serão temas de deliberação:

1. Atualização de zoneamentos da região (ou seja, áreas passíveis de novas conquistas);
2. Uso de furadeiras em conquistas;
3. Manutenção de trilhas;
4. Discussão de casos específicos;
5. Assuntos diversos.

Nossas decisões de agora terão grande repercussão no desenvolvimento da escalada dentro de um cenário onde a evolução esportiva esteja em sintonia com um ambiente natural preservado.

A oficina será no dia 11 de agosto de 2007, a partir das 8h, na UNIRIO, situada à Av. Pasteur, 458 - Urca

Sua participação nesse processo é fundamental!

Comissão de Organização I Oficina de Atualização das Diretrizes de Mínimo Impacto da Urca



faz tudo juntinho. A gente é amigo. A gente é primo em casa de vó!

Depois da brincadeira no quintal, alguns ficaram lá fora e outros foram continuar a festa dentro de casa. Na animação da cozinha, os Momentos vieram da dança, dos abraços e da comida gostosa. Dançando a gente tem que sentir o corpo inteirinho e cada movimento tem que ser como um pequeno e saboroso gole a caminho da embriaguez. Já no abraço, um Momento acontece quando a gente prende a respiração e se curva todo para se moldar à forma do outro e sentir melhor a pressão do contato. Comida gostosa a gente tem que mover suavemente na boca toda como em beijo de língua. Olhos fechados aumentam as sensações de qualquer Momento.

Quem ia e vinha assistir aos Momentos na cozinha era a nossa Padinha, com aquele sorriso largo que mais parece uma janela bem aberta para sua alminha virgem. Outros dois Momentos especiais foram o parabéns do Zé e a chegada do Velho. Seguimos dançando e festejando. Teve até *garrafa de cana*, mas sem *estilhaço na estrada*. E quando todos já estavam cansados, *corpo na cama*.

O dia seguinte teve encontro no quintal antes da saída para caminhar. Nos dividimos em grupos. Um dia eu chego até o *fim da ladeira*, mas, por hora, *fim da picada*. Iara e eu paramos na casa de meu novo amigo Mascarin. Também chamam aquilo de abrigo. Não é abrigo. É casa. Mas essa é casa de tio, onde a gente vai só de vez em quando para ir ao banheiro olhando as montanhas pelo telhado de vidro. Fiquei por muito tempo sentada na varandinha do segundo andar. *É a vida, é o sol, é a luz da manhã, é o vento ventando, é um pouco sozinho... Que belo horizonte! É o fim do caminho!*

Na volta, banho de rio e *conversa ribeira*. Depois, banho de sol, que, para quem aprecia Momentos, parece abraço de corpos nus. Antes de ir embora, alguém joga um *resto de toco* para o cachorro brincar. Enquanto isso, na varanda, a gente conversa e ouve música. E olhem só o que está tocando! Águas de Março! O Tom deve ter escrito essa letra em Salinas. Porque ela é toda feita de Momentos. Porque ela é tudo o que é Salinas...

É pau, é pedra, é o fim do caminho

É um resto de toco, é um pouco sozinho

É o vento ventando, é o fim da ladeira

É o pé, é o chão, é a marcha estradeira

É a lenha, é o dia, é o fim da picada,

É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada

É a promessa de vida no meu coração...

Mônica Costa



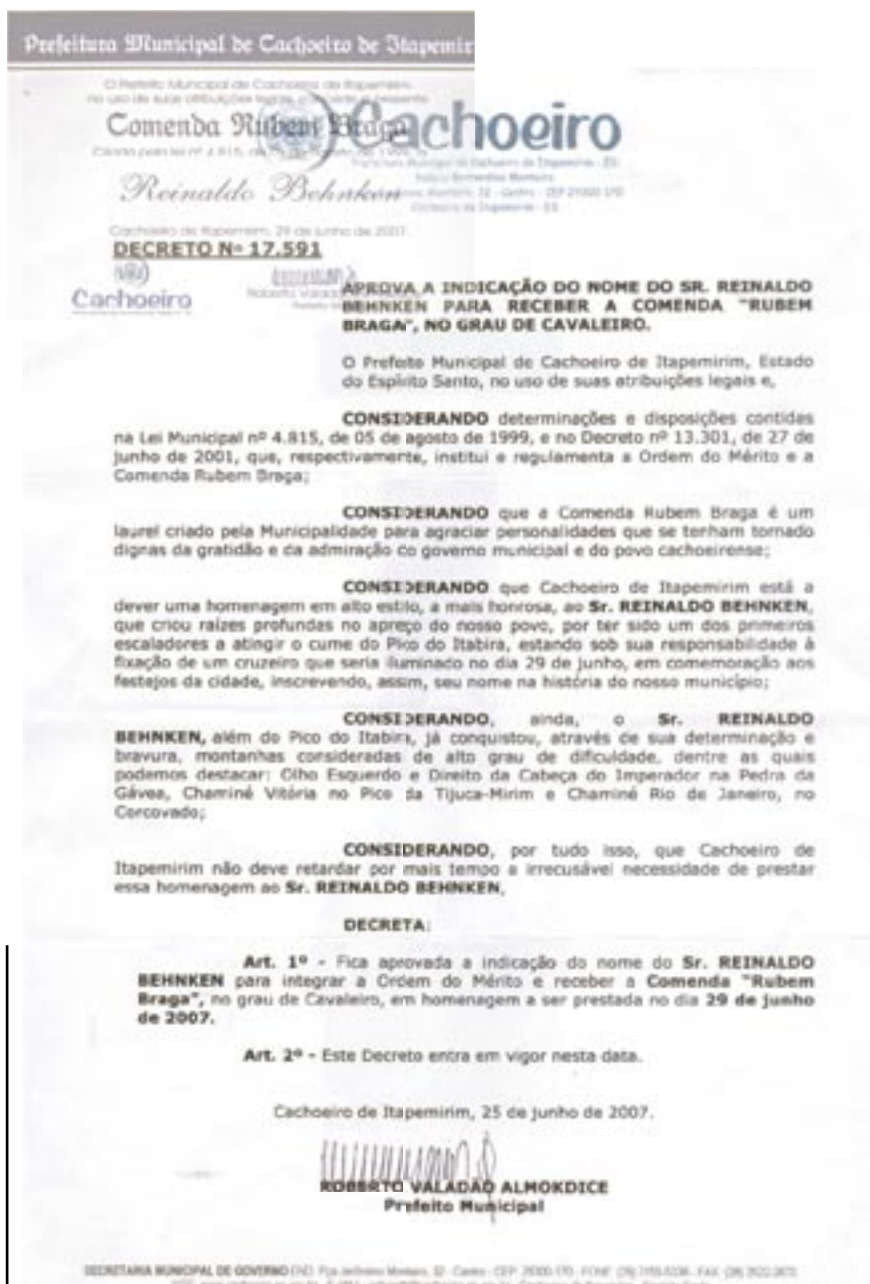
Data	Atividade	Tipo	Responsável
4.08	Paredão Oswaldo Pereira-Itacoatiara	Escalada 4ºVI Grau A1 E1	Waldecy
4.08	P.Face Sudoeste Alto Mourão - Itacoatiara	Escalada 4ºV E3 I	Rafael Villaça
4.08	Morro Tucun Itacoatiara	Caminhada Leve	Muniz
5.08	Reflorestamento Pão de Açúcar	Atividade Ecológica	Savio
18.08	Travessia Mirante Simone x Pedra da Cruz - PNSO	Caminhada Semipesada inaugural	Waldecy
18.08	São Pedro Via Mirante do Inferno - PNSO	Caminhada Pesada	CEP CE Petropolitano
28.08	Bohemia Gelada	Escalada 2ºIII Grau noturna	Rafael Villaça
01/02.09	Serra das Antas - Secretário	Caminhada pesada com bivaque	Miriam Gerber (Bamo) e Carlos Alexandre (Petropolitano)

Aniversariantes

AGOSTO

2 **ANDREIA MATOS REI**
 3 **JORGE ANDRE FARIAS**
 5 **JSERGIO DE SOUZA BAHIA**
 6 **JUSTO MELO MONTEIRO**
 11 **MARCELO P. HADDAD**
JORDAN MALUGEN

15 **PAULO BOAVENTURA N**
 22 **LIVIA MUNIZ ASSIS**
 26 **REINALDO BEHNKEN**
 30 **WALTER MENDES DE SÁ**



clubes, a troca de experiência e a absorção dessa idéia, por parte dos mineiros é uma das coisas que me deixaram mais feliz com essa atividade.

Mas, como se diz aqui em Minas, "vam falá di coisa boa": o que foi aquele cenário, hein? Caminhar pelo Espinhaço, com água pra tudo que é lado, flores exóticas, passagens delicadas, a D. Maria, gente simples e de coração aberto. Quando a gente acha que já fez muita travessia bonita, vem essa Lapinha x Tabuleiro e nos mostra que cada uma tem a sua beleza, a sua magia e principalmente, o seu "ohhhh".

Quando saímos para o segundo dia, integrei o segundo grupo, sendo um dos últimos a chegar na cachoeira do Tabuleiro.

No caminho entre o ponto aonde chegamos ao rio até o local da queda, cruzei com vários CERJenses que, com largos sorrisos estampados em seus rostos, me agradeciam pelo convite à travessia: "Cara, isso aqui é mágico. Obrigado pela excursão". Eu sabia que iriam gostar da excursão, mas realmente esses agradecimentos foram a minha segunda maior alegria. Pois a minha maior alegria foi poder curtir isso tudo com meu pai, que me trouxe a essa grande família de sobrenome CERJ.

Para os que ainda não foram, fica aqui o convite para a próxima travessia.

Xaxá "CERJ" Carrozzino, do CEM.

NOTA

Não é de hoje que está ocorrendo uma banalização das vias do Dedo. A galera acha: "Pô, mas é terceiro grau!". O mais clássico é um escalador que conhece o Dedo "mais ou menos" levar uma penca de amigos pro Dedo de Deus. Mas é terceiro grau... O Dedo de Deus é uma escalada um pouco mais complexa que uma simples via de terceiro grau (Black Out, Maria Cebola e Teixeira). Há ainda uma logística maior (o dia inteiro na montanha), sua caminhada bem puxada e seus mais de quinze tramos de cabo de aço e também seus rapeis que não são dados. Isso tende a se potencializar com a entrada de uma frente fria. Portanto, ao escalar o Dedo de Deus, prepare uma logística condizente com a montanha, escale com GUIAS que conheçam bem o local: não menospreze a montanha.

Waldcey M. Lucena

A realização de um sonho

Quando eu era pequeno, de vez em quando freqüentava as excursões do CERJ. Ficava todo orgulhoso em ver meu nome escrito nas pranchetas, mas via sempre com olhos famintos pelo campo "Guia". Na minha

iria guiar uma excursão para o CERJ. "Para", pois era uma excursão do CEM e não sou guia do CERJ, ainda. Mas guiar uma excursão para os meus amigos do CERJ, numa travessia que não tinha como



cabeça pueril, "Guia" era quem ia à frente, e seguindo esta linha de pensamento, "guiei" alguns trechos de caminhadas na floresta da Tijuca. Todo orgulhoso, ultrapassava o guia da excursão e ia à frente de todos. Ficava irado, pois tinha sempre que "dividir a guiada" com meu irmão, o que foi motivo pra muitas brigas.

O tempo passa, o tempo voa e nem a poupança Bamerindus existe mais. Mas era chegado o dia em que eu realmente

todos não se deslumbrarem, ainda mais com o meu pai presente... Foi a glória!!!

Não vou escrever aqui um relato da excursão, pois já o fizeram com brilhantismo. Vou falar da minha impressão como único sócio do CERJ e do CEM.

O CERJ me mostrou o que é o montanhismo via clube e as pranchetas conjuntas transmitem ao CEM uma excelente experiência disso. A integração entre esses dois

Quando a Miriam me pediu para escrever o relato da nossa Festa Junina em Salinas para o boletim, fiquei tentando lembrar como tinha sido aquele final de semana. Me dei conta de que eu não poderia relatar nada. Eu não sabia quem tinha viajado quando, quem tinha escalado o quê, quem tinha caminhado até onde. Mas aquele tinha sido mais um final de semana especial para mim e eu lembrava de ter dito que ele parecia haver durado muito mais do que o tempo em que estive fora. Logo entendi o porquê. Eu não lembrava exatamente de fatos, mas eu tinha uma enorme coleção de Momentos daquela viagem. Momentos são explosões de vida. São instantes eternos, retas infinitas projetadas em pontos, ou seja, entradas para outra dimensão. E o que é preciso para se ter Momentos? É preciso ter todos os sentidos atentos e a alma distraída. É preciso estar um *pouco sozinho*, mesmo que rodeado de gente. Mas chega de explicações. Vamos aos Momentos em Salinas.

Viajamos juntas Márcia Aranha, Pati e Elisa, filha da Márcia, e eu. Fomos para a casa do Serginho e da Rô. Costumam chamar aquilo de abrigo, mas aquilo não é abrigo. É casa. É casa de vó! Tem fogão a lenha e mesa comprida. Tem varanda, quintal e cachorro. Tem comida gostosa. Tem conversa na cozinha e bagunça de primos. Tem *mistério profundo, queira ou não queira*. E foi em clima de alegria peculiar de casa de vó que nos arrumamos para a festa junina. Estavam em casa apenas as meninas. Vários meninos estavam escalando. Marcia D'Avila era o noivo. Seus trajes, cheios de detalhes, mostravam que, para ela, a festa já tinha começado bem antes daquele dia. Orgulhosa, ela exibia uma genitália avantajada, que se dividia no gancho da calça apertada. Miriam Bamo era o padre, Elisa era o pajem, Pati era o pai do noivo, Jana era o delegado, Sylvia era o prefeito, Márcia Aranha era o padeiro e eu era o espantalho. Não sei bem o que um padeiro e um espantalho fazem em festas juninas, mas... Vá lá. A arrumação foi repleta de Momentos. Enquanto as meninas pintavam suas barbas e bigodes, eu assistia às suas gargalhadas. Não é qualquer gargalhada que faz um Momento. Tem que ser aquela gargalhada que a gente não sabe que vem e que não consegue parar. Gargalhada de meninos cúmplices em alguma travessura. Em meio às gargalhadas, iniciamos a nossa festa.



Lá fora, o pau-de-sebo e a fogueira recebiam os meninos que iam chegando da *pedra em marcha estradeira*. Hora de festa, longe da *cumeeira*. Fim da *canseira*! Eles se arrumaram e se juntaram a nós. O Rafael era a noiva e o Zé era a mulher do prefeito. Fizemos o casamento e dançamos quadrilha no quintal. Mais Momentos... Aliás, dançar quadrilha é um Momentão. A gente se olha, a gente se toca, a gente sorri. A gente



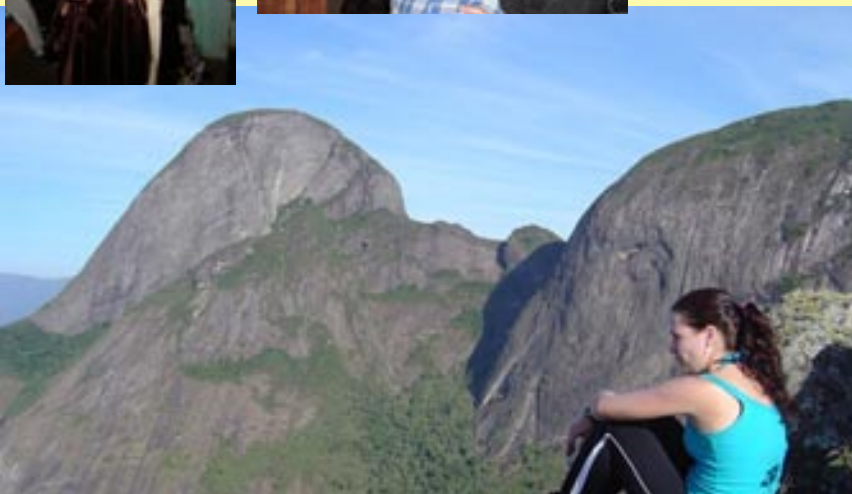
LEILA DINIZ, ITAIPÚ



EXCURSÃO AO NARIZ DA FREIRA



TRAVESSIA LAPINHA TABULEIRO



MICHELLE NO CUME DO MONTE DE MILHO, ATRÁS SERRA DAS ANTAS



MARIA COMPRIDA DESDE SERRA DAS ANTAS